



## KABA DAREBU E UMA DOCÊNCIA AMAZÔNIDA INVENTADA COM INFÂNCIAS

Sabrine Santos dos Santos<sup>1</sup>

Mônica Silva Aikawa<sup>2</sup>

Mônica de Oliveira Costa<sup>3</sup>

### RESUMO

Com a experiência no Estágio Supervisionado II - anos iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, temos o objetivo de narrar acontecimentos formativos de uma professora-estagiária em atuação com cartografias de docências amazônicas e infâncias. Os fundamentos teórico-metodológicos são os da Filosofia da Diferença em sua composição de filosofia, arte e educação. Na escola, senti diversas infâncias e desafios no meu corpo e inquietudes, medos e inseguranças me afetaram, ao mesmo tempo, desejo esses sentires enquanto linhas de imaginação e a recriação de minha docência. Nesse cotidiano escolar produzido com infantes, retorno à criança interior que hoje me habita e ela colabora com outro modo de ver-sentir-viver a escola de estágio e mobiliza caminhos além dos métodos tradicionais, mais próximos dos que tocam a subjetividade e as multiplicidades amazônicas. O meu processo de desconstrução e o convite ao vazio como criação foi pulsante para outra constituição do professorar, que tem se aproximado do sensível, de criações e afecções. Assim, penso no plano de atuação docente intitulado “Era uma vez na Aldeia”, imaginado para que as crianças conhecessem mais sobre a infância indígena e seus costumes. Começamos com a leitura da obra “Kaba Darebu” de Daniel Munduruku, compartilhamos vivências e nossas diferentes infâncias. As crianças seguiram com a escrita de uma página de diário, com desenhos e pintura sobre os afetamentos daquela manhã. No decorrer da atuação senti o encantamento das crianças com a história que apresentou proximidade com seu cotidiano e ações, senti uma docência amazônica se constituindo. Através dos acontecimentos dessa formação, especialmente esse tempo-espacço de atuação docente, produzi-me outra com as crianças, (re)contei histórias, produzi uma docência amazônica com infâncias, com literatura indígena e transformei a sala de aula com elementos naturais, transformei-me.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado; Cartografia de docências amazônicas; Infâncias; Pedagogia; Filosofia da Diferença.

### INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência narra das vivências e experimentações de uma professora em formação inicial em Pedagogia com as crianças da Escola Municipal Waldir

<sup>1</sup> Licencianda em Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas, ssds.ped22@uea.edu.br.

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado do Amazonas, Mestre em Educação em Ciências na Amazônia – PPGEC/UEA, maikawa@uea.edu.br.

<sup>3</sup> Professora da Universidade do Estado do Amazonas, Doutora em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM/REAMEC/UFPA, mdcosta@uea.edu.br



Garcia, especialmente as crianças da turma do 3º ano A. O objetivo nesta escrita foi narrar acontecimentos formativos de uma professora-estagiária em atuação com cartografias de docências amazônicas e infâncias. E frente aos fundamentos teórico-metodológicos, tivemos a Filosofia da Diferença em sua composição de filosofia, arte e educação, como apoio das ações do componente curricular de Estágio Supervisionado II que deixou marcas na metodologia desta atuação docente com os cotidianos escolares.

A escola onde a experiência se desenrolou não aparece como cenário fixo, mas como espaço vibrante de multiplicidades. Assim, cada criança, com seus gestos próprios, seus ritmos singulares e seus modos inesperados de existir, compôs este percurso como linha que escapa, desvia, cria.

## METODOLOGIA

As vivências teórico-práticas durante o estagiar nos anos iniciais, especialmente com a atuação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, constituem essa escrita. Assim, os procedimentos metodológicos foram orientados pela atenção ao cotidiano, pela escuta sensível e sentires e afecções dessa professora em formação na Pedagogia que retoma suas práticas pedagógicas vivenciadas.

A experiência ocorreu na Escola Municipal Waldir Garcia, localizada na Rua Pico das Águas - São Geraldo, na cidade de Manaus. No período em que estagiávamos, a escola passava por um processo de reforma em sua estrutura física e ao chegarmos, tivemos que, juntamente com os professores da escola, nos adaptar aos imprevistos que poderiam acontecer no decorrer das aulas, pudemos principalmente observar como os professores reagiam apesar dos empecilhos por conta da reforma. Isso nos fez sentir-nos numa escola de transformação que nos afeta, nos transforma com ela, na transitoriedade das existências.

Após o primeiro momento em que conhecemos a escola, fomos designados a nossas respectivas turmas, assim fui para o 3º ano A, recebida primeiramente com um estranhamento por parte das crianças, mas que logo se tornou curiosidade. As crianças do 3º A de certa forma já estavam mais independentes na hora das atividades, em alguns momentos nos chamando para tirar dúvidas, mostrar desenhos ou apenas uma conversa sobre algo da vida, do tipo se



irei ser a professora deles a partir daquele momento, eles nos acolhem e tornam o momento do estagiar realmente valioso.

Essa narrativa traz especificamente sobre a atuação docente intitulada “Era uma vez na Aldeia”, que nasceu da ideia que as crianças conhecessem mais sobre a infância indígena e seus costumes. Essa atuação foi desenvolvida na turma do 3º A, composta por aproximadamente 20 estudantes, com idades entre 8 e 9 anos, as identidades dos estudantes foram preservadas, garantindo o respeito aos princípios éticos da pesquisa em educação.

As ações desse momento, incluíram atividades de leitura, escrita, acompanhamento de grupos, planejamento de propostas e adaptações necessárias ao longo do percurso. Cada ação foi compreendida como um acontecimento, isto é, como um momento singular que produz sentidos e abre possibilidades formativas tanto para os estudantes quanto para a prática docente em formação.

O plano desenvolvido para a atuação teve como questão mobilizadora: “Como você imagina que os povos indígenas vivem?”, trazendo o reconhecimento da diversidade cultural, conhecimento dos aspectos do cotidiano de povos indígenas e a produção de textos e representações sobre o tema. Na ambientação da atuação a turma estava disposta em roda no chão da sala em volta de folhas de bananeira e elementos da natureza expostos, também utilizamos uma caixinha de som para ambientação com sons da floresta.

No 1º momento iniciamos com uma pergunta “Sobre o que vocês imaginam que será a aula de hoje?” e uma roda de conversa com suas respostas, em seguida utilizar nossa questão mobilizadora sobre o que eles conhecem dos povos indígenas. No 2º momento, começamos com a leitura da literatura infantil Kabá Darebu de Daniel Munduruku (2002) e em seguida conversamos sobre a obra e a autoria. No 3º momento, conversamos sobre os materiais expostos em cima da folha de bananeira e suas conexões com cada um.

No 4º momento, registramos partes da história, como “quem está narrando, onde se passa a história, os personagens, etc.”; após isso as crianças criaram uma página de um diário, contando como foi a aula do dia e desenhos sobre a história que foi apresentada, o que mais gostaram etc. O processo avaliativo se deu pela observação da participação nos momentos a partir dos diálogos, criatividade e colaboração nas produções. Ao final da aula como nossa cartografia visual criamos um “Varal de registros”, com os desenhos e textos criados pelas crianças.



A análise da experiência ocorreu por meio da cartografia, entendida como um modo de acompanhar processos, identificar deslocamentos e mapear os efeitos com as vivências:

Pensando em linhas, retas, turvas, semi-abertas, ou seja, uma infinidade de traços que podemos percorrer, a cartografia é criação, sendo assim, uma possibilidade para entender as diferentes formas de pesquisar. Um caminho de possíveis, para poder escolher rotas, construindo geograficamente as ruelas e os becos (Scherner, 2015, p. 146).

Dentre esses possíveis, as afecções dessa professora em formação vieram à tona. E em lugar de buscar generalizações, a análise concentrou-se em compreender os movimentos que se produziram na interação entre professora-estagiária, as crianças e ambiente escolar.

A metodologia deste relato não se estrutura por etapas rígidas, mas por trajetos, encontros e reflexões, assumindo que a formação docente se faz no entrelaçamento de experiências e na abertura ao inesperado. O relato emerge em narrativa daquilo que se viveu, sentiu, desejou e daquilo que se tornou aprendizagem, presença, afeto no processo de formação dessa professora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

*A gente trata a natureza como se fosse um patente nosso.  
E é desse jeito que a gente cuida a natureza que nos rodeia.  
(Kaba Darebu de Daniel Muunduruku, 2002)*

A atuação pedagógica foi um processo de reconstrução do meu ser docente, no primeiro momento com as orientações de realização de uma atuação com temas regionais idealizei uma prática docente em que trabalharia as lendas, tentando ir para um lado mais cômodo em que as crianças já conheciam alguns temas de lendas.

Após ter exposto o tema e a orientação com as professoras Mônica Costa e Mônica Aikawa, elas trouxeram uma outra perspectiva, que seria procurar lendas contadas diretamente pela narrativa dos povos indígenas e não aquelas já conhecidas dos tradicionais livros didáticos. Isso impacta a tal modo em que se tratando de minhas aproximações com estudos decoloniais, pós-coloniais, reflito sobre o que me fez pensar numa atuação docente com lendas, visto sua nomeação eurocentrada que sentimos como uma pormenorização das narrativas dos povos ancestrais e sua literatura em classificação de fantasia e sobrenatural, em enquadramentos díspares frente ao que se tem mediante aos conhecimentos indígenas.



A cartografia vem cumprindo seu papel: “A cartografia enquanto espaço para compor com as experiências de vida. Investigar territórios inalcançáveis e inexplorados. É estar em constante movimento, ou até mesmo, em micro-movimentos, mas que de alguma forma impulsiona e inquieta o pensamento” (Scherner, 2015, p. 146). Produziram-se efeitos, inquietações no que penso, sinto e quero.

A partir disso, comecei a questionar o porquê havia escolhido o tema “Lendas” e percebi que uma boa parte era realmente por ser algo que achava mais “fácil” de trabalhar com as crianças. Então foi um momento de reconstruir os objetivos e entender realmente o meu papel como docente, naquele momento, enquanto professora em formação no curso de Pedagogia que se movimenta com sua ancestralidade afro-indígena.

Fiquei imaginando como trazer as vivências indígenas para a sala de aula, procurando histórias infantis nesse contexto que fossem escritas por pessoas do próprio povo, foi quando encontrei o livro “Kabá Darebu” escrito por Daniel Munduruku, um escritor indígena do povo Munduruku que significa formigas gigantes (Munduruku, 2002). No livro a história é narrada por Kabá Darebu, um menino de 7 (sete) anos que faz parte do povo Munduruku, ele conta seus costumes e o que as crianças do seu povo costumam fazer, brincar e etc.

Nesse cotidiano escolar produzido com infantes, retorno à criança interior que hoje me habita e ela colabora com outro modo de ver-sentir-viver a escola de estágio e mobiliza caminhos além dos métodos tradicionais, mais próximos dos que tocam a subjetividade e as multiplicidades amazônicas.

Os momentos pensados a partir da história tiveram como objetivo maior que as crianças pudessem conhecer as diferentes infâncias, os aspectos do cotidiano de povos indígenas e ligar algumas práticas das crianças do livro com vivências delas mesmas, como a pesca, brincadeiras parecidas, comidas que eles apreciavam igualmente as crianças do livro.

Para a construção do ambiente na sala de aula, procurei ir na direção contrária do meu primeiro planejamento que seria enfeitar a sala com TNT’s e EVA... Utilizei elementos da natureza folhas (como a folha de bananeira que havia no quintal de casa), raízes e frutas que estariam presentes na história contada para que as crianças tivessem mais contato com os momentos da atuação docente. Já que a criança indígena da literatura mesmo nos ensina como conviver com a natureza ao nosso redor.



No momento em que as crianças chegavam à sala e se deparavam com a preparação, já demonstravam olhares curiosos para os materiais que estavam expostos ali. Ao mesmo tempo, em que os seus olhos pareciam de curiosidade sobre os materiais, em mim sobressaía os sentimentos de nervosismo e ansiedade, parte por conta da expectativa com as atividades que seriam vividas ali e outra parte por conta do momento em que seria avaliada a atuação.

O que me apoiava foi que em todos os momentos contei com o apoio da professora regente, a professora de artes e da minha dupla de estágio, bem como as professoras orientadoras de estágio e relembrar de tudo que tenho estudado até agora no curso de Pedagogia, tudo isso contribui para que parte do nervosismo não me tomasse conta.

A atuação pedagógica iniciou com a turma em roda e a questão mobilizadora “Como você imagina que os povos indígenas vivem?”, ao compartilharem seus conhecimentos sobre a pergunta iniciei a contação da história, e em seu decorrer compartilhamos experiências e vivências, as crianças compartilhando seus cotidianos e os aspectos que achavam parecidos com a infância das crianças indígenas:

Nos falam de nossos primeiros pais...  
Nossos antepassados...  
Nossos ancestrais.  
Essas histórias nos ensinam a amar a Terra, nossa Mãe.  
É para ela, a Terra, que dançamos, cantamos, nos pintamos...  
(Munduruku, 2002, p. 19).

Meu encontro com essa literatura, despontou nessa atuação docente, bem como, em outros sentires pensares e viveres de minha existência com as crianças nesse Estágio Supervisionado em escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental. Não se inicia com as teorias e as ciências, começa-se com as histórias dos ancestrais e a criança Munduruku da literatura me desmonta nisso, pois eu seguia na Licenciatura em Pedagogia nessa esfera de busca de teorias e metodologias de ensino que me dessem fundamento para agir.

Foi um momento de desconstrução, e reconstrução para o meu ser docente junto às crianças dos anos iniciais. A partir desse pensamento procuro me desprender desse acúmulo de expectativas e passar a levar os afetamentos desse estágio com outras perspectivas, não estar a procura de incansáveis respostas por parte das crianças e também do meu professorar, mas sim ser capaz de produzi-las de maneira leve fugindo dessa zona de conforto e acomodação.

Foi primordial para o meu processo desse estagiário tentar compreender que ali teriam diversas infâncias a serem escutadas, vividas, sentidas, trazendo consigo contextos e cotidianos diferentes que se encontraram com o Kaba Darebu. “Diz-se que uma cartografia é



uma pesquisa implicada e mutiplicante. No entanto, falamos de outra forma de implicação, um implicar-se menos subjetivo e mais ao sabor dos encontros” (Costa, 2014, p.71). Ao final da atuação me senti realmente agradecida e feliz com o que vivemos nesse coletivo naquele espaço escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo do Estágio Supervisionado II se tornou um caminho com anseios e reconstruções do que espero ser no futuro, do que fui, do que sou. Não foi um caminho fácil, mas as cartografias que construí junto às crianças da turma do 3º A se tornaram prescindíveis para a formação do meu caminho docente, trouxe-me um olhar diferente para com as infâncias e o território amazônica.

Pimenta e Lima (2010) destacam uma visão tradicional de estágio como um momento apenas técnico, voltado para a aplicação de métodos aprendidos na teoria. E propõem, em vez disso, uma concepção crítica e reflexiva, em que o estágio é parte fundamental da formação do professor, pois permite a articulação entre teoria e prática de maneira viva e contextualizada.

A atuação docente com a temática das histórias indígenas nos trouxe a importância de conhecer as diferentes culturas e realidades, bem como o reconhecimento da cultura de povos ancestrais como conhecimento escolar. E a literatura de Daniel Munduruku foi disparadora para essa partilha de experiências com a turma e com a qual nossa cartografia final produziu um diário onde as crianças contaram sobre aquele dia, criaram desenhos que lhes faziam lembrar de histórias ou de suas vivências e a socialização das suas criações.

O meu processo de desconstrução e o convite ao vazio como criação foi pulsante para outra constituição do professorar, que tem se aproximado do sensível, de criações e afecções.

Através dos acontecimentos dessa formação no Estágio Supervisionado em Pedagogia, especialmente esse tempo-espacó de atuação docente, produzi-me outra com as crianças, (re)contei histórias, produzi uma docência amazônica com infâncias, com literatura indígena e transformei a sala de aula com elementos naturais, transformei-me.

## **REFERÊNCIAS**



CHERNER, Letícia. A poesia de Manoel de Barros: cartografando territórios. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 145–160, 2015. DOI: 10.12957/riae.2015.11691. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/11691>. Acesso em: 20 set. 2025.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia:uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 21 out. 2025.

MUNDURUKU, Daniel. **Kabá Darebu**. São Paulo: Brinque-book, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena (Orgs). **Estágio e Docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez 2010.